

# Em discussão, o

O deputado acha que o PIB não cresce 5%; o banqueiro diz

Aparentemente, pouca gente acredita na previsão do ministro Delfim Neto de que será possível crescer 5% em 1982. Ontem, nem o deputado Herbert Levy nem o diretor-geral do Banco Itaú, José Carlos Moraes de Abreu, e mesmo o ministro Ernane Galvês quiseram endossar o prognóstico do ministro do Planejamento.

Ao ser indagado ontem sobre o assunto no Rio, Galvês respondeu: "As vezes, não se consegue alcançar o crescimento desejado porque as condições não permitem. O governo não pode admitir uma pressão maior sobre as importações nem um descontrole da inflação. E estas são condicionantes que limitam a expansão econômica. Se dependesse do governo, cresceríamos 10% todo ano".

O ministro da Fazenda lembrou alguns pontos favoráveis: o aumento de 3% a 5% na área plantada e a redução dos juros externos, o que poderá favorecer as exportações. Mas advertiu que a política econômica continuará exatamente igual: para conter os preços, a base monetária e os meios de pagamento terão de crescer menos que a inflação; as correções monetária e cambial continuarão no mesmo ritmo, ainda que fiquem acima da inflação a partir de janeiro. O que exceder — diz ele — será absorvido com o tempo.

Além disso, o governo não pretende facilitar de nenhum modo o aumento das importações, aproveitando a margem aberta pelo superávit comercial. As importações, frisou o ministro, crescerão tanto quanto permita o nível de atividade da economia.

## "Futurologia"

Para o deputado Herbert Levy (PP-SP), a estimativa de Delfim sobre um crescimento de 5% não passa de "futurologia", sem qualquer fundamento na realidade. Hoje, o País assiste a um "lamentável" crescimento negativo da indústria. O parlamentar citou o ministro do Trabalho, Murilo Macedo, segundo o qual existem 2,5 milhões de desempregados. E concluiu: "É exorbitante o preço social que se paga pela execução desta política econômica".

Já José Carlos de Moraes Abreu, que também é membro do Conselho Monetário Nacional, acredita que a economia seja reativada, mas "não a uma taxa compatível com o Brasil"; o crescimento será gradativo a partir do próximo ano.



José Carlos de Moraes Abreu acha que a redução dos juros internos depende da redução dos subsídios: "Se o governo tiver que financiar seus déficits em volumes muito elevados, como ocorreu este ano, terá de manter um nível alto de juros para captar recursos".

Mais incisivo, o deputado Herbert Levy, que é diretor do Banco Itaú, disse que os juros "tão cedo não cairão" e que a "insolvência vai generalizar-se, porque não há empresa que agüente o atual custo do dinheiro, que está entre 120% e 150%".

## Negócios com os árabes

Por sua vez, o ministro Ernane Galvês estimou ontem que a recente viagem que ele fez à Arábia Saudita, Iraque, Kuwait e Bahrain pode render negócios e financiamentos da ordem de 2,5 bilhões de dólares num prazo de cinco anos.

Diante do vulto dos investimentos que esses países realizam no momento, visando à modernização e à industrialização de suas economias, Galvês considera que há um amplo mercado potencial para os produtos brasileiros, destacando o Iraque, o mais populoso deles (14 milhões de habitantes) e com um programa quinquenal (81-85) que prevê investimentos de 26 bilhões de dólares este ano e 35 bilhões em 85. O fato de ser o Iraque um país socialista, em que todas as empresas são estatais, e que não permite empreendimentos estrangeiros, não impede, segundo Galvês, que o Brasil continue tentando investimentos em associações como a do Banco Brasileiro-Iraquiano, cuja sede será aqui.

Quanto ao Kuwait, as melhores perspectivas estão do lado dos investimentos que poderão ser feitos no Brasil, pois trata-se de um grande centro financeiro, com uma bolsa de valores considerada a oitava do mundo, embora o país só tenha 1,2 milhão de habitantes e poucas pretensões de tornar-se um centro industrial. O governo do Kuwait, segundo o ministro, está muito satisfeito com a Abico (Associação de Capitais Kuwaitianos e Brasileiros), que pretende investir 300 milhões de dólares no projeto de criação de carneiros, provavelmente na Bahia.

Os sauditas importam por ano cinco milhões de cabeças de carneiros. Para aproveitar esse mercado, o Brasil deverá equipar-se com navios especiais para o transporte de caprinos vivos — a forma tradicional de importação dos árabes.

que o crescimento será gradual. E o ministro avisa: a política não muda.

# Crescimento em 82.